ASPECTOS DA MODERNIZAÇÃO DO ROMANCE HISTÓRICO EM *O LEOPARDO*, DE LAMPEDUSA.

Lucas de Carvalho Morais (PIBIC/ UEPG), Eunice de Morais (Orientadora), e-mail: nicemorais@gmail.com

Universidade Estadual de Ponta Grossa / Departamento de Estudos da Linguagem.

Grande área: Letras; Área do Conhecimento: Estudos Literários; Subárea: Literatura e História.

Palavras-chave: Romance Histórico, O Leopardo, Giuseppe Tomasi di Lampedusa, Ivanhoé, Walter Scott.

Resumo

Este trabalho consiste na realização de uma análise comparativa entre dois romances históricos representativos de épocas e paradigmas estéticos diferentes, com o objetivo de melhor compreender a modernização do subgênero literário. *Ivanhoé*, de Walter Scott, apontado por Lukács (2011) como fundador do subgênero, é um romance histórico do século XIX e que representa o paradigma estético tradicional. *O Leopardo*, de Lampedusa, foi escrito no século XX, época em que alguns, como Jameson (2011), apontam a impossibilidade da subsistência do romance histórico, e por essa razão figura em nosso trabalho como exemplo moderno de texto do subgênero estudado. A partir da teoria de Lukács (2011), elencamos características constitutivas do subgênero e a partir delas cotejamos os dois textos. Como resultado, observamos que em *O Leopardo* se apresentam de modo diverso, senão oposto, as principais características dos romances históricos tradicionais de Scott e estudados por Lukács.

Introdução

Neste trabalho apresentamos um estudo do romance histórico *O Leopardo*, de Giuseppe Tomasi, Príncipe de Lampedusa, observando como elementos estéticos característicos de romances históricos clássicos do século XIX se adaptam a um novo paradigma estético no século XX. A base teórica principal para esta análise é encontrada em *O romance histórico*, obra do filósofo György Lukács, e a obra literária representativa da estética tradicional é *Ivanhoé*, de Walter Scott, produzida no século XIX e apontada por Lukács como exemplo paradigmático do subgênero.

A necessidade desta análise a respeito de traços da modernização do subgênero estudado se justifica diante da polêmica entre Jameson (2007) e Anderson (2007), que se posicionam de modos diferentes diante da questão da possibilidade ou impossibilidade do RH no século XX.

Revisão de literatura

A metodologia empregada em nossa pesquisa foi totalmente a leitura de textos teóricos sobre o assunto e a aplicação das teorias em análises das obras literárias estudadas. Dessa forma, partindo de *O Romance Histórico*, de Lukács (2011), nós

retrocedemos à *Poética*, de Aristóteles, passando em seguida a Umberto Eco (1994), Auerbach (2015), Eikhenbaum (1978), Jameson (2007), Anderson (2007), Weinhardt (2011), ademais de obras literárias como a *Odisseia*, de Homero, *A Cartuxa de Parma*, de Stendhal, além de romances históricos lidos para melhor compreender as características do subgênero apontadas por Lukács.

Resultados e Discussão

As características observadas nas duas obras analisadas foram encontradas por Lukács (2011) na obra de Walter Scott e serviram-nos para a comparação dos dois textos estudados. As características são as seguintes: objetividade histórica e primazia dos diálogos; a ideia de progresso; o herói como figura mediadora; e os coadjuvantes como sendo mais interessantes que o herói.

As características acima elencadas fazem parte da estética tradicional do romance histórico e são encontradas em *Ivanhoé*, de Walter Scott. Em *O Leopardo,* porém, elas são invertidas, pois que neste romance encontramos: uma subjetividade que domina a narrativa, um forte sentimento de decadência e morte, um herói grandemente humano que ofusca os demais personagens, ademais de não servir como mediador entre os dois lados em conflito.

Embora ambos os romances retratem, como sói ocorrer em romances históricos, momentos de crise e revolução nacional, as perspectivas são bem diversas:

Em *Ivanhoé*, que retrata a luta entre saxônios e normandos na Inglaterra do século XII, o narrador comemora, ao final da narrativa, o final das hostilidades e a celebração da paz entre os povos que se miscigenariam para formar os ingleses modernos. Os personagens em conflito participam, através da mediação do cavaleiro Ivanhoé, da construção de uma nação em paz.

Em *O Leopardo*, o protagonista, príncipe Fabrizio, pertence à antiga aristocracia siciliana e vê o Reino das Duas Sicílias ser absorvido no Reino da Itália durante a Unificação Italiana no século XIX. Ademais, vê seus rivais burgueses ascendendo política e economicamente enquanto ele decai, chegando à morte numa varanda de hotel, sendo apenas uma sombra do gigante que um dia fora. O narrador, empregando técnicas como o discurso indireto livre, apresenta grande intimidade com o protagonista e é antipático à unificação e aos burgueses.

Conclusões

O Leopardo é um romance que inverte essas características do romance histórico tradicional. A narrativa é dominada pela subjetividade do herói, que não é mediador e é muito mais interessante que os outros personagens; além disso, morre testemunhando o declínio de sua família e classe, sabendo-se o último Leopardo. É o chefe de uma importante casa da antiga nobreza siciliana, amigo do rei, homem de elevada cultura, cientista reconhecido que descobriu novos planetas, proprietário de vastas terras. A narrativa de Lampedusa nos apresenta justamente o processo pelo qual este gigante passa, decaindo em seu poder, sua riqueza, seu prestigio, até em seu corpo imponente, que no fim não tem forças sequer para ficar em pé. Dessa forma, se o herói do RH está profundamente relacionado com o sentimento de progresso em Scott, é a decadência que se apresenta em Lampedusa, em que se observa o processo de mediocrização do herói outrora poderoso. Não obstante, é um RH clássico, apreciado pela crítica e pelo público, inspirou um filme igualmente

famoso e aclamado (Il GAttopardo, 1963, direção de Luchino Visconti). Essas diferenças diametrais entre *O Leopardo* e os RH do século XIX derivam de uma visão diversa da própria História.

O Leopardo é uma obra pouco estudada no Brasil, e os estudos sobre as atualizações do RH podem encontrar interessantes caminhos e perspectivas no romance de Lampedusa. Se pensamos num trajeto do subgênero, como Anderson, podemos ver *O Leopardo* como um estágio do RH, e, observando como as mesmas características que aqui analisamos se manifestam em RH mais recentes e de outras realidades – a latino-americana, por exemplo – poderemos melhor compreender as transformações estéticas da ficcionalização romanesca da História.

Agradecimentos

Agradeço muito à UEPG pelo apoio financeiro a mim concedido com a bolsa para Iniciação Científica. Também agradeço a professora Eunice de Morais pela orientação e por comprar a minha ideia de pesquisar *O Leopardo,* um dos meus livros favoritos da vida. Agradeço, ademais, à minha amiga Marília Rios Ribas que por longas horas palestrou comigo sobre literatura e sobre *O Leopardo*.

Referências

ANDERSON, P. Trajetos de uma forma literária. **Novos estudos**, v. 77, p. 205-220, 2007.

ARISTÓTELES. Poética. Tradução de Baby Abrão. In: **Aristóteles**: Poética. Organon. Política. Constituição de Atenas. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

AUERBACH, E. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTINE, M. O enunciado no romance. In: BARTHES, R. et al. **Linguística e Literatura.** Lisboa: Edições 70, 1980.

BASTOS, A. **Introdução ao romance histórico.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

BORGES, J. L. El Apleph. In: _____. **Obras completas.** Buenos Aires: Emecé Editores, 1974.

CALVINO, I. **Assunto encerrado:** discurso sobre literatura e sociedade. Tradução de Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, versão digital.

ECO, U. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

EIKHENBAUM, B. Sobre a teoria da prosa. In: EIKHENBAUM, B. et al. **Teoria da literatura:** formalistas russos. Tradução de Ana Mariza Ribeiro Filipouski et al. Porto Alegre: Editora Globo, 1978.

FRYE, N. **Anatomia da crítica**. São Paulo: Cultrix, 1973.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

JAMESON, F. O romance histórico ainda é possível? **Novos estudos**, v. 77, p. 185-203, 2007.

LAMPEDUSA, G. T. **O Leopardo**. Tradução de Rui Cabeçadas. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

LUKÁCS, G. **O romance histórico.** Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

MORAIS, L. C. O herói do romance histórico tradicional e o herói em *O Leopardo*, de Lampedusa. In: II Congresso Internacional de Estudos em Linguagem, 2017, v. 1, Ponta Grossa. **Anais eletrônicos.** Ponta Grossa, 2017. Disponível em: https://proceedings.galoa.com.br/ciel-2017/trabalhos/o-heroi-do-romance-historico-tradicional-e-o-heroi-em-o-leopardo-de-lampedusa?lang=pt-br>. Acesso em: 08 maio 2018.

SCOTT, W. **Ivanhoé**. Tradução de Brenno Silveira. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

STENDHAL. **A cartuxa de Parma.** Tradução de José Geraldo Vieira. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

TODOROV. T. **Introdução à literatura fantástica.** Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2012.

WEINHARDT, M. Romance histórico: das origens escocesas ao Brasil finissecular. In: WEINHARDT, M (org.). **Ficção histórica**: teoria e crítica. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2011.